

A ESCOLA É UM ESPAÇO GENERIFICADO E SEXUALIZADO? PROBLEMATIZAÇÕES DE UMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

Eixo Temático: ET 21 - Gêneros e Sexualidades nas Infâncias

Lara Torrada Pereira¹
Juliana Lapa Rizza²
Paula Regina Costa Ribeiro³

RESUMO

O presente trabalho busca analisar algumas narrativas de profissionais de uma EMEI, que emergiram em um curso de formação, sobre suas percepções no que tange a compreensão da escola enquanto um espaço generificado e sexualizado. Como metodologia de produção e análise de dados utilizamos a investigação narrativa e um curso de formação para 24 profissionais da EMEI que abordou questões de gêneros e de sexualidades como uma estratégia metodológica para a produção das narrativas. Compreendemos que por vezes as questões de gênero e de sexualidade passam despercebidas ou são silenciadas no cotidiano da EMEI, entretanto, quando essas temáticas são debatidas as professoras e profissionais da gestão da escola percebem que gênero e sexualidade constituem os sujeitos e o espaço da escola.

Palavras-chave: Gênero, Sexualidade, Educação Infantil, Formação de Professores(as).

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é construído a partir da afirmação de que a escola é um espaço generificado e sexualizado, entendimento compartilhado entre as autoras e também permeado pelos estudos que elas vêm realizando. Enquanto estudiosas de gênero e de sexualidade, entendemos que tais aspectos constituem os sujeitos e, além disso, permeiam os espaços/instituições sociais.

¹Doutoranda em Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande - FURG, lara.torrada@hotmail.com;

² Doutora em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Professora do Instituto de Educação e dos Programas de Pós-Graduação: Educação em Ciências da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, rizzalapajuliana@gmail.com;

³ Professora orientadora: Doutora em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Professora do Instituto de Educação e dos Programas de Pós-Graduação: Educação em Ciências e Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, pribeiro.furg@gmail.com.

A assertiva de que essas temáticas fazem parte do espaço escolar tem aparecido nas pesquisas de outros/as estudiosos e estudiosas de gênero, sexualidade e escola, como Marlucy Paraíso, Fernando Seffner, Rogério Junqueira, Constantina Xavier, Jane Felipe entre outras/os que também entendem que a escola é um espaço em que se produzem e se vivenciam questões relacionadas ao gênero e a sexualidade, ou seja, são marcas escritas nos corpos, nas vestimentas, na organização do espaço das salas de aula, nas relações entre pessoas, entre outros aspectos. Sendo assim, gênero e sexualidade são constituintes das posições de cada sujeito, logo fazem parte da vida de cada um e cada uma que compõe a comunidade escolar.

Entretanto, nos questionamos se professoras, professores e membros da gestão escolar, que atuam na Educação Infantil, compreendem e percebem no dia-a-dia o gênero e a sexualidade pulsando por todos espaços e cantos e em todos os corpos infantis?

Esse questionamento emerge mobilizado pelas ações empreendidas pelo Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola - GESE⁴ e acabou ecoando em uma pesquisa de tese de doutorado que busca investigar o modo como uma Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) vem promovendo o debate das questões de gênero e de sexualidade em meio a relações de poder/saber. Para tanto, uma das estratégias metodológicas para a produção dessa pesquisa foi o curso de formação intitulado “Infâncias, Gêneros e Sexualidades: encontros e experiências possíveis” para as profissionais que atuam nessa instituição.

Essa EMEI é vinculada ao Projeto Escola Promotora da Igualdade de Gênero⁵ desde 2017 e a partir do seu engajamento, através de algumas professoras e da gestão, vem empreendendo alguns movimentos para que as pautas de gênero e de sexualidade façam parte de espaços de diálogos com as famílias, entre as crianças e também entre as professoras.

Desse modo, esse trabalho busca **analisar algumas narrativas de professoras e profissionais da gestão dessa EMEI, que emergiram nesse curso de formação, sobre suas percepções no que tange a compreensão da escola enquanto um espaço generificado e sexualizado.**

⁴ GESE é um grupo de pesquisa vinculado a Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

⁵ O Projeto Escola Promotora da Igualdade de Gênero é vinculado ao Grupo de Pesquisa Sexualidade e Escola – GESE da Universidade Federal do Rio Grande – FURG e desde 2017 tem como objetivo possibilitar formação contínua e apoiar profissionais de escolas das redes estadual e municipal da Educação Básica do Rio Grande/RS que tenham interesse em desenvolver ações para a promoção acerca da igualdade e equidade dos gêneros e das sexualidades.

METODOLOGIA

Como metodologia de produção e análise de dados utilizamos a investigação narrativa, a qual possibilita que os sujeitos participantes do estudo falem de si e de suas experiências a partir do foco de investigação e das interlocuções que serão tecidas. Para Roney Castro “a perspectiva das investigações narrativas se insere no campo da educação, considerando-a como processo de construção e reconstrução de histórias pessoais e sociais” (CASTRO, 2014, p. 43), em que os sujeitos envolvidos participam de redes discursivas que produz, interpreta e constrói histórias relacionadas a educação, a escola, as vidas.

O curso de formação intitulado “Infâncias, Gêneros e Sexualidades: encontros e experiências possíveis” tinha como propósito construir um espaço de interlocução acerca das questões de gênero e de sexualidade atravessando e produzindo a infância. A proposta do curso foi possibilitar um espaço de formação e reflexão frente as temáticas, entendendo e problematizando a escola enquanto um espaço generificado e sexualizado, tendo como foco a Educação Infantil.

Das 24 profissionais participantes estavam presentes a Diretora, a Vice-diretora, 2 Coordenadoras Pedagógicas, 1 Orientadora Educacional e as demais participantes (19) são professoras, que atuam nas seguintes modalidades da Educação Infantil: berçário; maternal 1 e 2; nível 1 e 2 e sala de recursos. Todas as participantes autorizaram o uso das narrativas na pesquisa através do Termo de Consentimento Livre Esclarecido e suas narrativas estarão expressas nas análises com pseudônimos para preservar a identidade das participantes.⁶

REFERENCIAL TEÓRICO

Pensar a respeito das questões de gênero e de sexualidade no espaço escolar, e mais especificamente com crianças, no âmbito da Educação Infantil, é justapor um modelo de escola engessado na ótica da moralidade, da disciplina e do controle, que busca enquadrar a infância em um regime de verdade que a define como frágil, indefesa, inocente e assexuada. Segundo Michel Foucault (2017), a modernidade acaba por

⁶ Essa pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FURG e tem como número de parecer: 5.019.828.

capturar a infância a partir de um exercício de poder que coage e encerra a sexualidade infantil no centro da família nuclear a partir da produção do espaço privado.

Os corpos e a sexualidades passam ao âmbito do pudor e do sigilo e são reiterados por um conjunto de práticas que imprimem uma “moralização do corpo da criança a partir de ações que mobilizaram os sentimentos de vergonha e de pudor sobre seus gestos afetivos e sexuais” (MORUZZI, 2019, p. 439). Essa forma de compreender a infância estão presentes em diferentes instâncias sociais que acabam por governam a infância: famílias, escolas, médicas, jurídicas, religiosas e etc.

Sendo assim, a escola, instância sobre a qual estamos centrando nossos olhares, está permeada por um discurso de que crianças são inocentes, puras, imaturas e pequenas demais para falar sobre sexualidade, conforme aponta Paula Ribeiro (2002), “a escola, fundada no discurso da inocência-pureza das crianças, argumenta que não há necessidade de falar sobre sexualidade na sala de aula, já que não há nada para dizer, nem escutar, nem para saber sobre sexualidade.” (p. 64).

Esse discurso faz com que algumas/alguns professoras/es não se permitam problematizar questões de sexualidade e gênero no espaço da escola, pois pensam que vão incitar as crianças sobre o assunto desconsiderando que crianças vivenciam a sexualidade e o gênero e possuem conhecimentos que são apreendidos em espaços como na mídia, em músicas, na dança, em desenhos animados, na organização de jogos e brincadeiras e nas famílias (RIBEIRO, 2002).

Sendo assim, gênero e sexualidade estão na escola, e são componentes que constituem o currículo, no entanto, é preciso que possamos perceber esses movimentos para desconstruir esses entendimentos da criança inocente e assexuada para que possamos romper com uma visão determinista e reguladora dos corpos infantis. Ao empreendermos esses movimentos, de desnaturalizar esses discursos, poderemos assim reconhecer a vida de alguns sujeitos que borram fronteiras naturalizadas e lineares de gênero e de sexualidade trazendo à tona a fluidez de possibilidades que se apresenta através dos jogos, brinquedos e brincadeiras, das diferentes configurações familiares, das dúvidas das crianças, da forma como se vestem, das marcas nos corpos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

[...] as narrativas dos sujeitos são a sua representação da realidade e, como tal, estão prenhes de significados e reinterpretações (CUNHA, 1997, p. 186).

Ouvir as narrativas das professoras e profissionais da gestão daquela EMEI com seus significados, sentidos, interpretações e reinterpretações, foi o movimento empreendido a partir da realização do curso de formação e foi possível perceber que essa poderia ser uma potente estratégia para ouvir e contar histórias, tendo como foco gênero, sexualidade e seus atravessamentos com a infância. Assim, a partir do curso de formação, espaço em que foi possível parar para pensar essas questões, emergiram diferentes narrativas sobre atravessamentos de gênero e de sexualidade na vida pessoal de cada uma e no espaço da escola.

A diretora Belmira, em uma de suas primeiras falas, diz: *Eu acho que a gente lida com essas questões sem perceber como gênero e sexualidade, assim como a gente não se percebe machista, a gente pensa que tanto faz o brinquedo que a criança tá usando e que isso é também uma forma de trabalhar essas questões. É difícil a gente se perceber no nosso dia-a-dia, até por falta de conhecimento, e está tão enraizado.*

Nessa narrativa a diretora não nega que esses temas estão no espaço da escola, entretanto, a gestora destaca que essas temáticas passam muitas vezes despercebidas, ou ainda, por se tratar de crianças entendidas como inocentes e assexuadas, essas questões de gênero e sexualidade passam pelo lugar do silenciamento, da negação, da repressão, e essa concepção está *enraizada* na forma como enxergamos a infância. Ao mesmo tempo, ela identifica que o brinquedo também pode ser um meio de abordar essas questões, pois, “meninos e meninas, mediante as brincadeiras que brotam nas interações sociais, brincam com seus corpos, fazem descobertas e expressam-se” (RIBEIRO; MARTINS, 2017, p. 149).

Sendo assim, os brinquedos e brincadeiras constituem e possibilitam o desenvolvimento, a comunicação e interação das crianças, contudo, o contexto social que dita “o que é de menino e o que é de menina” reflete uma definição rígida e binária de gênero, como traz a professora Luma: *essa divisão que a gente viveu a vida toda entre menino e menina e que a gente já faz no automático, sem nem pensar.*

A professora Sônia, que atua no berçário, narra uma experiência na sala de aula que apresenta essa representação de gênero nos brinquedos: *na nossa sala não tinha bonecas [...]e eu não tinha me ligado porque nossa turma é só de meninos, e eu não tinha*

percebido isso. A boneca, traz consigo marcadores sociais que indicam cuidado, zelo e maternidade, o que é socialmente relacionado as meninas, logo, ela “não se faz necessária” em uma turma de meninos. Todavia, é significativo apontar que espaços de discussões sobre questões de gênero e de sexualidade, como o curso de formação, provocam que docentes percebam essas dinâmicas no cotidiano da sala de aula, para questionar o que já está naturalizado e para poder propor algo diferente, como talvez oferecer a possibilidade do brincar de bonecas numa turma só de meninos.

São pequenos detalhes, como diz a diretora Belmira, que narra que a vida toda chamou de ‘*reunião com pais, com pais, com pais*’, *mas era sempre a mãe que vinha*, e ela ainda se questiona, *por que a gente fala sempre pais?* A resposta para essa indagação da diretora está no lugar das diferenças atribuídas social e historicamente ao gênero masculino e feminino, que o caracteriza de forma binária tendo como consequência “sofrimentos e injustiças decorrentes do sexismo, do androcentrismo e do heterossexismo” (CARVALHO, 2010, p. 76).

Esse sistema patriarcal sustenta uma dominação dos homens sobre as mulheres no que se refere a questões econômicas, sexuais e culturais, colocando-os como centro, como “a norma para os seres humanos” (ibidem, p. 76). Essa lógica sexista nos produz e nos ensina a como perceber a sociedade. Desse modo, ainda que tenhamos uma maioria de mulheres, mães indo nas reuniões para as famílias na escola – e o fato de ser a maioria mulher é também consequência dessa construção em que são elas as principais responsáveis pela criação e educação das/os filhas/os – o comum é nos referirmos genericamente como “pais”, retomando a ideia dos homens na centralidade do sistema.

Cabe apontar que ao mesmo tempo em que há uma construção cultural e social para que questões de gênero e de sexualidade não sejam consideradas no espaço da escola e com crianças, também há esse movimento de resistência que leva para as escolas essas discussões e desperta as profissionais da educação a fazerem suas próprias reflexões e trazerem suas histórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cabe, portanto, evidenciar a potência da pesquisa narrativa que possibilita através dos relatos de experiência a emergência de outros significados aos próprios pensamentos, nem melhores, nem piores, apenas outros, e com isso reconstruir a trajetória. Com isso, entendemos que espaços como o do curso de formação possibilitam brechas, e através das

discussões conceituais e metodológicas surgem outras possibilidades para pensar e ver o mundo a partir das questões de gênero e sexualidade em interface com a escola e, nesse caso em específico, com a infância.

Por fim, podemos perceber que por vezes as questões de gênero e de sexualidade passam despercebidas ou então são silenciadas no cotidiano da EMEI. Entretanto, quando essas temáticas foram debatidas as professoras e profissionais da gestão da escola conseguiram trazer a tona situações e experiências vivenciadas na escola e também em suas vidas pessoais entendendo que gênero e sexualidade nos constituem e nos produzem enquanto sujeitos. Do mesmo modo, foi possível refletir e perceber que cada uma, enquanto professora e no espaço da escola, acaba por subjetivar e produzir cada criança.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Roney Polato de. **Experiência e constituição de sujeitos docentes: relações de gênero, sexualidade e formação em Pedagogia**. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. 2014. 256p.

CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de. Gênero é um conceito complexo e de difícil sensocomunicação: Considerações a partir de uma experiência de formação docente. **Instrumento: Revista de Estudo e Pesquisa em Educação**. Juiz de Fora, v. 12, n. 2, jul./dez. 2010.

CUNHA, Maria Isabel da. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista Faculdade Educação**, São Paulo, v. 23, n.1/2, p.185-195, jan./dez. 1997.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1. A vontade de saber**. 4. ed. Rio de Janeiro; São Paulo. Paz e Terra, 2017.

MORUZZI, Andrea Braga. A pedagogização do sexo da criança: do corpo ao dispositivo da infância. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 13, n. 2, p. 438-458, maio/ago. 2019.

RIBEIRO, Claudia Maris; MARTINS, Kátia Batista. Brincades como obra de arte: devir criança na expressão das relações de gênero e sexualidades nas instituições de Educação Infantil. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa, MAGALHÃES; Joanalira Corpes (Org.). **Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2017. p. 149-164.

RIBEIRO, Paula Regina Costa. **Inscrevendo a Sexualidade: Discursos e práticas de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental**. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Ciências Básicas da Saúde. Curso de Pós-Graduação: Bioquímica. 2002. 125p.